



Oculum Ensaios

ISSN: 1519-7727

ISSN: 2318-0919

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

FABIANO, ANTONIO APARECIDO; MOREIRA PETRELLA, GUILHERME  
THE LANDSCAPE OF WORK

Oculum Ensaios, vol. 16, núm. 1, 2019, Janeiro-Abril, pp. 5-19  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

DOI: 10.24220/2318-0919v16n1a4369

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=351760258001>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em [redalyc.org](http://www.redalyc.org)

UOL  
redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc  
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal  
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

## A PAISAGEM DO TRABALHO

ANTONIO APARECIDO FABIANO JUNIOR, GUILHERME MOREIRA PETRELLA

Quando se inicia este pequeno texto com a expressão “a paisagem do trabalho”, busca-se iluminar de imediato três questões que são suscitadas pelos desenhos de Antonio Fabiano Jr. Primeira, da paisagem do trabalho enquanto se desenha e representa algum espaço real ou imaginário, panorama ou vista que contém e experimenta narrativas e ficções; segunda, da paisagem do trabalho enquanto o território de atuação do Antonio como pesquisador e professor, resultantes de uma ação política, técnica, estética, do fazer arquitetura e urbanismo; e, terceira, a paisagem do trabalho enquanto lugar de manifestação espacial da classe trabalhadora, suas casas, equipamentos, serviços, infraestruturas, em suma, o território da “reprodução da força de trabalho” e suas múltiplas experiências e concepções de vida.

Esta dimensão assim exposta de forma dual, de “paisagem” e de “trabalho”, se desdobra. Inicialmente com relação à própria expressão “paisagem”, que decorre, na língua francesa, de “*paysage*”, de “*pays-agir*”. A expressão *pays* denota a ideia de nação, estado, região, que se encontra, na figura do *agir*, com a ideia de ação, de ato. Assim, percebe-se que a dimensão espacial da paisagem (região, aldeia) é apreendida como panorama, da vista e do espetáculo, a partir da ação sobre o espaço, sobre o “território”: o agir sobre a nação (*pays agir*). Da paisagem deriva-se para a noção de que *pays, ville, cité*, são percebidos como resultados espaciais da ação do trabalho sobre a natureza. Imbricando os termos paisagem e trabalho antes apresentados de forma dual. Nessa ação, a luz sobre o hábito, o habitante, a habitação, constituintes da história.

Em seguida, a “paisagem do trabalho” relaciona a história e a natureza. A natureza, porém, também é um duplo imbricado: como exterior aos corpos individuais e os corpos propriamente ditos. Sua transformação, como paisagem, é o momento da constituição da humanidade (ainda que se depre com diversas manifestações de desumanização da natureza, os desastres ambientais). Portanto, se é e não se é natureza; implica-se o trabalho e a história. A história do sujeito. Ao produzirmos e experimentarmos produção e os produtos, se pode interpretar essa experiência e, assim, ela pode ser narrada e reproduzida: representada e apresentada. Uma experiência que assim se constitui no próprio indivíduo e se desdobra como eventual experiência para o “outro”. O “eu” e o “outro” relacionados constitui o “ser social”, que se reconhece nessa relação.

Paisagem, deste modo, já é trabalho em sua essência. Uma indissociabilidade. Meio e processo da existência, da representação do ausente e da presença efetiva, real e imaginária, verdadeira e fictícia. Nesse sentido, a ação sobre a nação, constituinte de

um território (unidade socioespacial que inclui a disputa e a guerra), não se resume à sua unidade decorrente da administração pública. Mas, como o território que de algum modo identifica a partir de uma unidade diferenciada e pelo conflito, construídos a partir do trabalho e do reconhecimento do outro.

A “paisagem do trabalho” em questão é a periferia de São Paulo, particularmente a Vila Bela (*Belle Ville?*) localizada na Zona Leste da cidade. Os desenhos apresentados fazem parte do entendimento do inacabamento desse bairro e da própria cidade e esse inacabamento aparece como uma condição que demanda ação. Aí reside a beleza do inacabamento da cidade: a contínua possibilidade de produção da humanidade, pelo trabalho sobre a natureza, pela paisagem da história. Pela superação das mazelas e misérias. Essa periferia, vista como uma “paisagem longínqua”, se assemelha a diversas outras manifestações desta forma de produção do espaço. Pode-se dizer que suas imagens são quase sempre as mesmas. Um entendimento que é ao mesmo tempo particular, individualizado e homogêneo, indiferenciado.

Esses desenhos se apresentam como fragmentos de uma experiência, vivida, concebida e percebida, daqueles três níveis de “paisagem do trabalho”. Justapõem escalas diferentes, ruas, detalhes, questões urbanas; que são analisados e representados a partir da técnica do desenho, como expressão plástica e como reflexão crítica. Relaciona a massa de cor da aquarela, homogênea e indiferenciada, ao traço preciso e individualizado do nanquim. A massa da aquarela resulta de uma técnica de desenho que promove o descontrolado-controlado de sua região, da expansão de seu pigmento. Ela se mistura a ela mesma, enquanto manchas de aquarela sobrepostas, e ao seu outro, o nanquim, definindo e definindo individualidades e particularidades, formadas pelo traço, pela linha, pelo risco. O risco é uma aposta na experiência, no movimento que se desdobra sem se saber de princípio seus resultados. O descontrolado a partir do controle. O erro e a dúvida como momentos constituintes, mas, também, com a virtualidade de se chegar ao novo, ao outro, ao diferente a partir do mesmo e do dominado, do já conhecido. O risco engendrado pelo traço, da luta pelo reconhecimento: ser-si-mesmo em um outro.

A massa e a individualidade se apresentam, portanto, como dialética entre o coletivo e o individual, em uma existência recíproca, um com relação ao outro, experimentados pelo desenho como um ato estético e político (“est-ético, est-h-ét(h)ique”: estética é ética, é política). Reapresenta uma luz sobre o sentido da experiência sensível na contemporaneidade, como momento de constituição da individualidade em relação ao coletivo e social e da constituição do comum diante da fragmentação do individualismo. Sem o apagamento de um pelo outro, como momentos das extremidades-extremistas do individualismo (neoliberal, pós-moderno, financeiro), e do coletivismo abstrato (estatista, fordista, industrial). Nessa dialética, explicita-se também a necessária condição do conflito, tanto nas experiências concretas dessas periferias, cotidianas e urbanas, quanto na formação dos conceitos, a forma e a estética, razão que se medeia pela experiência sensível do próprio sujeito que pensa e age. “Penso, desenho, logo existo”.

Nestes desenhos, a aquarela e o nanquim também fazem uma remissão à presença-ausência da água e dos pigmentos (terra). Analogia possível entre a condição ambiental destas áreas da cidade que são constituídas pela ausência ou precariedade das infraestruturas: a falta de saneamento, a falta de pavimentação. Os desenhos afirmam a representação de uma ausência; e a mera presença destas condições urbanas precárias — não-urbanas, antiurbanas —, revelam “em si” a precariedade da urbanidade como um todo, em geral, como um conquista possível-impossível de toda a sociedade. Diante desta ação, o indivíduo se desmorona todo. Ante este soterramento, ante esta submersão.

O desenho, portanto, se realiza, ele se torna real, como exercício de reflexão e como ato crítico que não se resume à mera condição de “representação” ou “ilustração” irrefletidas. Ele reflete e põe à luz o que está ausente a partir do reconhecimento da história e da natureza, como paisagem do trabalho, e do devir, o futuro, o projeto que nasce da experiência. Pode-se até dizer que emerge do figurativo e concreto territorial e avança ao abstrato, ao conceito, à dimensão estética da forma.

São Paulo, início da primavera de 2018.

## NOTAS

As legendas são dados do Relatório de 2017 “*A distância que nos une*”, da OXFAM Brasil (OXFAM, 2017).

Todos os desenhos foram feitos em 2018 para a “Oculum Ensaios”.

## REFERÊNCIA

OXFAM. *A distância que nos une*: um retrato das desigualdades brasileiras. São Paulo: Oxfam Brasil, 2017. Disponível em: <[https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Relatorio\\_A\\_distancia\\_que\\_nos\\_une.pdf](https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Relatorio_A_distancia_que_nos_une.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2018.

**ANTONIO APARECIDO FABIANO JUNIOR [DESENHOS]** | ORCID iD: 0000-0003-0342-5488 | Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Rua Professor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil | Correspondência para/*Correspondence to*: A.A. FABIANO JUNIOR | *E-mail*: <[antoniofabianojr@gmail.com](mailto:antoniofabianojr@gmail.com)>.

**GUILHERME MOREIRA PETRELLA** | ORCID iD: 0000-0003-3882-2109 | Universidade Federal de São Paulo | Instituto das Cidades | São Paulo, SP, Brasil.

## ELABORAÇÃO

A.A. FABIANO JUNIOR colaborou na criação dos desenhos e G.M. PETRELLA na redação do texto.

## Como citar este artigo/How to cite this article

FABIANO JUNIOR, A.A.; PETRELLA, G.M. A paisagem do trabalho. *Oculum Ensaios*, v.16, n.1, p.5-19, 2019. <http://dx.doi.org/10.24220/2318-0919v16n1a4369>